APRENDER BRINCANDO: ELEMENTOS LÚDICOS NOS ARRANJOS DE UM PROJETO DE ENSINO COLETIVO DE VIOLINO

Sofia Leandro
Universidade Federal de São João del Rei
sofialeandro@ufsj.edu.br

Ketlyn Pinheiro de Moura dos Reis Silva
Universidade Federal de São João del Rei
ketlym3006@gmail.com

Victor Emanuel Pereira de Sousa
Universidade Federal de São João del Rei
vepsnaza@hotmail.com

Resumo: O artigo relata uma experiência de ensino coletivo de violino para crianças de 4 a 12 anos, dentro de um projeto de extensão universitária, orientado pela professora de violino e discentes do Curso de Música da UFSJ (grau de licenciatura). Ao longo do primeiro semestre de funcionamento do projeto, foram elaborados arranjos com o objetivo de permitir agregar todos os alunos numa performance coletiva, apesar das diferenças de idade e níveis de aprendizagem. Essas diferenças resultaram na divisão das crianças em duas turmas de principiantes (alunos a iniciar o estudo do violino) e uma turma de iniciantes (alunos de nível baixo, mas com contato prévio com o instrumento). Devido ao elevado número de principiantes, à valorização das relações interpessoais e à necessidade de efetuar uma abordagem adequada às idades mais baixas, foram adotadas estratégias de integração de brincadeiras nos procedimentos didáticos e nos arranjos apresentados no concerto de encerramento do semestre. Esses elementos lúdicos são aqui detalhados, através da descrição dos arranjos e da forma como foram sendo introduzidos nas aulas.

Palavras-chave: Educação musical. Didática do ensino do violino. Ensino coletivo de instrumentos musicais.

Learning by playing: playful elements in the arrangements of a collective violin teaching project

Abstract: This article reports an experience of collective violin teaching for children from 4 to 12 years old, within a university extension project, guided by the violin teacher and students of a degree course in São João del Rei (MG). During the first semester of the project, arrangements were made to allow all students to be gathered in a collective performance, despite differences in age and learning levels. These differences resulted in the division of the children into two introductory classes (students starting the violin learning) and one beginner class (low level students, but with prior contact with the instrument). Due to the high number of students attending introductory classes, the appreciation of interpersonal relationships and the need to make an appropriate approach to younger ages, strategies were adopted in order to integrate games into the didactic procedures and into the arrangements performed at the final concert. These playful elements are detailed here by describing the arrangements and how they were introduced in classes.

Keywords: Music education. Didactics of violin teaching. Collective teaching of musical instruments.

INTRODUÇÃO

Este artigo relata uma experiência de ensino coletivo de violino para crianças de 4 a 12 anos, dentro de um projeto de extensão universitária, ligado ao Curso de Música (grau de licenciatura) da Universidade Federal de São João del Rei. Ao longo do primeiro semestre de funcionamento do projeto, com aulas entre março e julho de 2019, foram elaborados arranjos com o objetivo de permitir agregar todos os alunos numa performance coletiva. Devido ao elevado

número de participantes sem nenhum contato prévio com o instrumento, à valorização das relações interpessoais própria do contexto de aprendizagem coletiva e à necessidade de efetuar uma abordagem adequada às idades mais baixas, foram adotadas estratégias de integração de brincadeiras nos procedimentos didáticos e nos arranjos apresentados no concerto de encerramento do semestre.

A cidade de São João del Rei tem uma oferta diversificada de programas de ensino do violino, sendo os principais de frequência gratuita: o Conservatório Estadual de Música "Padre José Maria Xavier" e as extensões "Educar Para Preservar" e "Vivências Musicais", ambas coordenadas por professores do Curso de Música da UFSJ. No entanto, nenhum dos programas oferecia, até 2019, oportunidades de aprendizagem do violino a crianças menores do que 9 anos[1]. Foi nesse contexto que nasceu o projeto "Pequenos Grandes Violinistas", que teve início em março de 2019, como ramificação do programa de extensão "Educar Para Preservar". O programa tem como missão "implementar ações que visam apoiar as entidades histórico-musicais de São João del-Rei e região, em suas demandas de atividades artísticas e de formação de novos músicos" (UFSJ, 2019). Tendo em conta esse fato, a formação de violinistas desde idades mais baixas pode, a longo prazo, contribuir para manter vivas as tradições musicais sanjoanenses, ligadas aos rituais religiosos.

Assim, o "Pequenos Grandes Violinistas" foi criado para atender crianças de 4 a 12 anos, focando-se apenas no ensino do violino. As aulas do projeto são somente coletivas e oferecidas gratuitamente às quartas-feiras, entre as 18h00 e 19h15. As inscrições acontecem em fluxo contínuo, o que pressupõe uma constante adaptação das aulas para um modelo de ensino-aprendizagem aplicável a um grupo heterogêneo. O projeto é coordenado por uma professora de violino do Curso de Música da UFSJ, e contou, no primeiro semestre, com a atuação de 6 discentes do curso como professores.

A primeira chamada para inscrições, amplamente divulgada pela comunicação social, surtiu de imediato uma procura considerável. Em março de 2019, foi feita uma primeira reunião com os encarregados de educação[2]. Nela foram apresentadas as condições de participação e regras de funcionamento das aulas. Destacava-se então que, durante as mesmas, os adultos poderiam e deveriam permanecer nas respectivas salas como espectadores, dando assistência às crianças somente no caso de haver a solicitação de algum dos professores. Foram pontuadas questões como assiduidade, pontualidade e silêncio, como parte fundamental da atuação dos acompanhantes no decorrer das atividades.

O convite para a participação dos pais ou responsáveis nas aulas de instrumento, assemelha-se ao que propõe o método Suzuki, em que estes participam ativamente no processo de aprendizagem da criança. Segundo Shinichi Suzuki, violinista criador do método, qualquer criança é capaz de aprender, desde que o ambiente vivido por ela seja estimulante (ILARI, 2012, p. 187). Suzuki acreditava que a participação das famílias é importante para motivar a criança nas dificuldades da prática instrumental diária, além de auxiliar no desenvolvimento da persistência que o estudo de um instrumento musical exige da criança (idem, p. 199).

Para sensibilizar os encarregados de educação no sentido de compreenderem o seu papel na formação musical das crianças, mais especificamente no que diz respeito à aprendizagem

[1] O Conservatório Estadual de Música tem uma oferta de ensino de violino a crianças entre os 6 e os 9 anos durante o período de Musicalização. Porém, durante esse período, as crianças têm um contato breve com o violino, pois experimentam dois outros instrumentos, obrigatoriamente: flauta doce e violão.

[2] Os adultos acompanhantes foram chamados de "encarregados de educação", visando uma nomenclatura que abrangesse qualquer tipo de responsável (Exemplo : pais, avós, tios, padrinhos, padrastos, tutores, etc.).

do violino, a professora coordenadora do "Pequenos Grandes Violinistas" registrou, no final da exposição do regulamento do projeto:

> Tal como num jogo, as crianças vão querer sempre avançar para o próximo nível. Isso só será possível se o ambiente familiar lhes proporcionar espaços apropriados. Por isso, lembre-se de: **falar** sobre música e sobre as aulas de violino; **ouvir** e **fazer** música em casa; ter o violino sempre **ao alcance** da criança; e, claro, **acompanhar** o "para casa". (LEANDRO, 2019).

Além de receberem o convite à participação e observação efetiva nas aulas das crianças, os encarregados de educação tiveram também a oportunidade de serem protagonistas na primeira aula de violino. Nessa aula, numa linguagem semelhante à que seria utilizada posteriormente com as crianças, tiveram acesso à experimentação de atividades de conhecimento básico da estrutura física do instrumento, posicionamento do violino e pega do arco, e ainda a execução de algumas sequências de notas em *pizzicato* e com arco. Em suma, com o auxílio dos professores, os acompanhantes adultos aprenderam de forma breve a segurar o violino e o arco da maneira correta e também tocar as primeiras notas. A partir desse aprendizado, tomaram consciência de algumas das dificuldades em tocar o instrumento e tornaram-se mais familiarizados e, idealmente, mais ativos no apoio ao desenvolvimento gradual das crianças.

Durante o primeiro semestre de funcionamento, inscreveram-se no projeto cerca de 30 crianças, tendo o concerto final contado com a participação de 27. Não foi feito nenhum processo seletivo, mas foi solicitada às famílias a aquisição do instrumento de cada criança. Apesar dessa aquisição não ser obrigatória, até ao final do semestre apenas 3 dos 27 alunos ainda utilizaram instrumentos emprestados.

AS AULAS, OS ARRANJOS E AS BRINCADEIRAS

Para atender todo o público inscrito na primeira leva de matrículas, os professores entenderam ser necessário a divisão dos alunos em três turmas. A turma A era constituída pelas crianças de idades mais baixas – dos 4 aos 6 anos – e a turma B por crianças um pouco mais velhas – dos 7 aos 11 anos, todos iniciando a aprendizagem do violino em simultâneo[3]. Estas duas turmas integravam portanto alunos de nível *principiante*, cujas aulas decorreram em períodos de meia hora[4]. A turma C incluía crianças dos 8 aos 12 anos que já tinham feito a iniciação ao violino anteriormente, mas ainda se encontram no nível *iniciante*. Esta turma teve aulas um pouco mais longas, de 45 minutos.

As aulas das turmas A e B, de principiantes, eram ministradas pela coordenadora do projeto em conjunto com o número total de professores na turma A. Uma vez que as aulas da turma B decorriam em simultâneo com as aulas da turma C, os professores foram divididos em dois grupos, um para dar assistência aos principiantes e o outro para ministrar as aulas da turma de iniciantes.

Um dos grandes desafios que os professores enfrentaram nas primeiras aulas com os principiantes foi aprender a colaborar com a coordenadora, que ministrava as aulas. Os monitores precisaram de participar ativamente, buscando uma linguagem verbal e corporal suficientemen-

[3] Excetuaram-se casos pontuais de crianças que não podiam integrar a turma da idade mais próxima por incompatibilidade horária.

[4] Ocasionalmente, a turma B foi subdividida em duas turmas ou o horário da aula estendido até 45 minutos, uma vez que muitos dos alunos demonstraram habilidades para um trabalho mais aprofundado.

te confortável para as crianças. Para manter a concentração dos alunos, cada um dos gestos dos professores tinha que servir para organizar as ações coletivas ao longo da aula.

As dinâmicas de brincadeira adotadas pela coordenadora e seguidas pelos restantes professores encontram respaldo na pesquisa sobre educação infantil, o que é relevante pelo fato de uma boa parte dos alunos do projeto se encontrarem nesse nível de ensino:

> O brincar no processo de ensino/aprendizagem da Educação Infantil é muito importante, tanto para as crianças como para os educadores. Este momento envolve todos no processo ensino-aprendizagem, tornando real a oportunidade de estabelecer vínculos afetivos, morais, éticos e sociais, dentro de uma convivência fragmentada do brincar e do aprender brincando. (NASCIMENTO, OLIVEIRA & MARQUES, 2016, p. 136).

A turma de iniciantes, que integrava alunos um pouco mais velhos e com experiências prévias de aprendizagem do violino, era uma turma com número menor de participantes – teve entre 4 e 5 crianças ao longo do semestre. Isso permitia maior disponibilidade da parte dos professores para dar assistência às crianças no que dizia respeito a questões posturais ou outras dificuldades técnicas e musicais.

Quanto à metodologia usada em todas as turmas, destaca-se o fato de se dar preferência à imitação como estratégia de ensino-aprendizagem, deixando de lado a leitura de partituras, nesta fase inicial. Suzuki acreditava que o aprendizado da linguagem musical devia se assemelhar à aprendizagem da língua materna: ouvindo, observando e tentando reproduzir. Somente depois de alcançar estabilidade técnica deveria ser introduzida a leitura musical (ILARI, 2012, p. 200). No entanto, partituras e gravações foram sendo enviadas aos encarregados de educação durante este primeiro semestre, tanto do repertório estudado nas aulas, como de repertório auxiliar ou sugestões de audição.

A idade das crianças e a carência de atividades de musicalização anteriores ao ingresso no projeto levaram à inclusão, nas aulas, de atividades que nem sempre priorizaram a utilização do instrumento. Por exemplo, nas primeiras aulas foram dinamizados jogos de socialização, durante os quais os alunos tiveram a oportunidade de se conhecerem. Além disso, em quase todas as aulas foram propostas atividades corporais e vocais, como as que acabaram integrando os arranjos. Nesses processos foi essencial que os professores estivessem sempre dispostos a demonstrar o que era proposto, fosse cantando, dançando ou demonstrando no próprio instrumento.

O repertório trabalhado em todas as turmas foi sendo repensado e redefinido em forma de arranjos, de modo a que pudesse ser apresentado no concerto de final de semestre. Essa opção metodológica assentou, em primeiro lugar, na necessidade de criar um material pedagógico correspondente à realidade dos alunos, passível de ser articulado com atividades lúdicas de musicalização.

> É elementar ter em mente que a elaboração do arranjo não é uma atividade descontextualizada, pois o arranjador necessita imaginar a capacidade técnica do instrumentista que irá executar a música e antever as possibilidades no processo de aprendizagem. (FREIRE, MENDONÇA & FREIRE, 2004, p. 3).

Em segundo lugar, baseou-se na convicção de que era vantajoso juntar num só grupo alunos de idades e níveis que poderiam ser consideravelmente distantes. Esta opinião é compartilhada por Liu Man Ying (2012), que destaca a importância da reunião de alunos em vários estágios de aprendizagem:

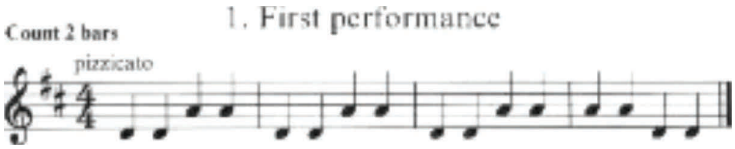
> Os iniciantes se inspiram e se animam a estudar mais para tocar tanto quanto os mais avançados, pois veem os outros, que têm idade próxima à sua, como modelos possíveis de serem alcançados. [...] Os alunos mais adiantados, por sua vez desempenham função importante, [...] pois precisam tocar sua linha melódica da maneira mais perfeita possível, com boa afinação, ritmo e fraseados musicais indicados, além de boa sonoridade. Trabalha-se dessa forma o espírito de liderança musical e também a escuta camerística, na medida em que precisam tocar ouvindo todas as outras linhas melódicas coadjuvantes. (YING, 2012, p. 125-126).

A seleção musical a trabalhar em cada turma partiu, por vezes, das necessidades dos principiantes e, outras vezes, das necessidades dos iniciantes. Foram apresentadas, no concerto final, três peças arranjadas para possibilitar a junção das três turmas: *First Performance* de Katherine e Hugh Colledge; *D'où venez-vous, Perrine?* de Alexandre Metratone (1997); e *Canção do Coelho* (2014/2019) composta pela coordenadora.

Como foi referido anteriormente, as primeiras aulas com os alunos do "Pequenos Grandes Violinistas" incluíram atividades sem o instrumento. Estas atividades consistiam em jogos de socialização, danças e outras brincadeiras, justificando-se pela necessidade de estabelecimento de vínculos interpessoais entre todos os intervenientes, mas também pelo número limitado de violinos disponíveis para empréstimo.

FIRST PERFORMANCE OU *POM-POM-PA-PA*

Uma dessas atividades, de musicalização, foi uma brincadeira de mãos (adoleta) criada a partir da música *First Performance* (Exemplo 1). Esta peça abre o método em que se encontra e propõe um primeiro contato com o violino em *pizzicato* nas cordas Lá e Ré. O acompanhamento do piano – cuja gravação acompanha o livro – apresenta a melodia propriamente dita, e uma introdução com a duração de dois compassos. A melodia desse acompanhamento foi transcrita para violino, para ser estudada e executada pela turma de iniciantes.



Exemplo 1: *First Performance*, do livro *Stepping Stones* (COLLEDGE; COLLEDGE, 1988, p. 1).

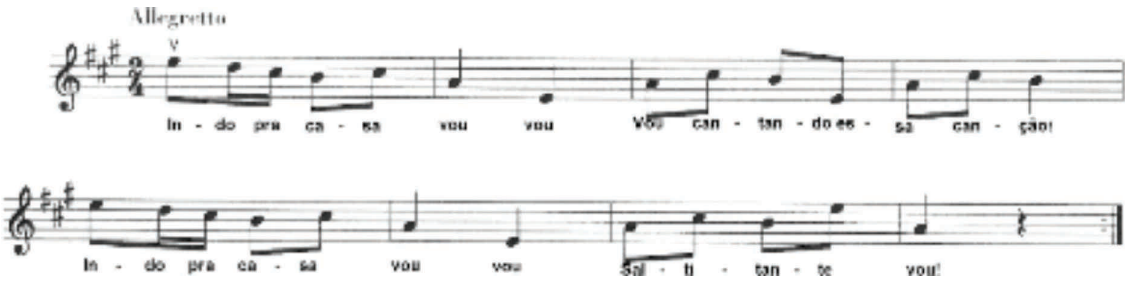
Com as turmas de principiantes, *First Performance* começou por receber o nome de *Pom-Pom-Pa-Pa*, pela forma como foi ensinada: cantando a sílaba *pom* no lugar da nota Ré e a sílaba *pa* no lugar da nota Lá. Uma vez que as crianças não aprenderam lendo, mas sim por imitação, uma das dificuldades que a peça traz é a troca da ordem das notas apenas no último compasso (vf. Exemplo 1). Para facilitar o processo de memorização e criar uma relação entre a altura de cada nota e o corpo, foram propostos gestos que se assemelham a um jogo de adoleta. Assim, cada nota Ré deveria ser cantada batendo as mãos nas pernas e cada nota Lá batendo nas mãos de um colega.

Os procedimentos didáticos para o ensino de *First Performance* passaram então pelas seguintes fases: i. Cantar com as sílabas *pom* e *pa*; ii. Cantar e percutir *pom* nas pernas e *pa* com

palmas (ainda individualmente); iii. Cantar e jogar adoleta com um colega (*pom* nas próprias pernas e *pa* nas mãos de um colega); iv. Executar a peça no violino, em *pizzicato*. Durante todas as fases, os alunos tiveram acesso à gravação do piano, enviada para os encarregados de educação por *e-mail*, e as atividades em aula foram sendo feitas com e sem acompanhamento, com velocidades variadas. Todos os professores participaram rotativamente na brincadeira de adoleta, ajudando os alunos ou apenas demonstrando.

INDO P'RA CASA EU VOU

Ao contrário de *First Performance*, a segunda peça estudada foi incluída no repertório partindo das necessidades da turma de alunos mais avançados, e só depois foi pensada a sua adaptação às turmas de principiantes. A versão original é uma canção com o título *D'où venez-vous, Perrine?* (METRATONE, 1997, p. 9) com letra em francês. Seguindo esta influência, os professores responsáveis pelas aulas da turma C sugeriram a criação de uma letra em português, desconsiderando o conteúdo da letra original. Assim surgiu a canção que auxiliou na memorização da melodia e se passou a intitular *Indo p'ra casa eu vou*:



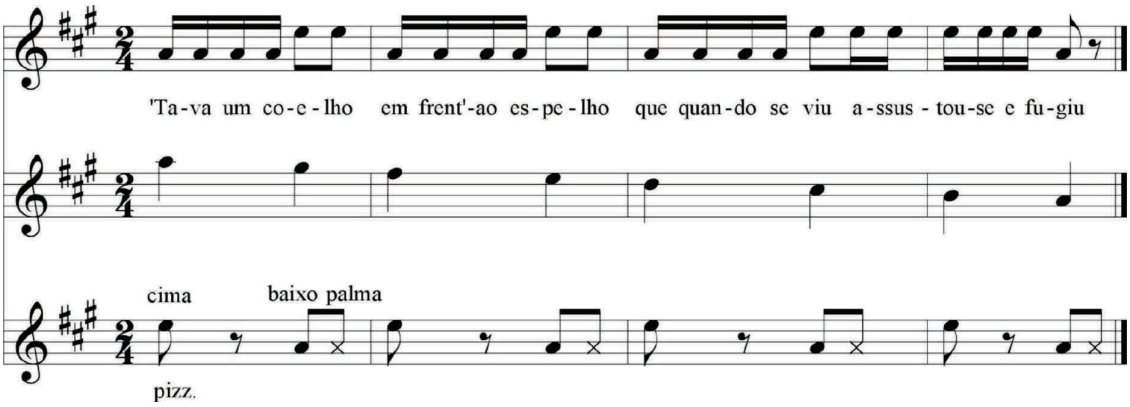
Exemplo 2: Adaptação da letra de *D'où venez-vous, Perrine?*, do livro *23 Chansons pour le Violon* (METRATONE, 1997, p. 9).

O mesmo livro integra uma série de arranjos (METRATONE, 1997, p. 8), cujo mais simples consiste num acompanhamento de semínimas nas notas Lá e Mi, alternadamente. O arranjo ajustou-se ao trabalho que estava sendo feito com as turmas de principiantes, pois permitia o contato com essas cordas tanto em *pizzicato* como com arco. Nessas turmas, o estudo desta peça serviu principalmente o propósito de aprender a mudança de corda. A brincadeira criada para a aprendizagem da mesma era uma dança, em que a nota Lá era um agachamento e a nota Mi o regresso à posição levantada. No concerto final, os alunos principiantes executavam essa dança, ao mesmo tempo que tocavam Lá e Mi, no *ritornello* da peça.

CANÇÃO DO COELHO

A *Canção do Coelho*, da autoria da coordenadora do "Pequenos Grandes Violinistas", utiliza como base o ritmo da primeira variação de *Twinkle, twinkle little star* do método Suzuki (1978, p. 14). Tem como objetivos o estudo de mudanças de corda, entre Lá e Mi, e a variação

da quantidade de arco utilizada (mais nas colcheias, menos nas semicolcheias). O Exemplo 3 mostra as partes do arranjo feito para o "Pequenos Grandes Violinistas":



Exemplo 3: *Canção do Coelho* (LEANDRO, 2014/2019).

Além da aprendizagem da letra da canção com gestos que a ilustravam, as crianças das turmas de principiantes aprenderam o acompanhamento escrito na terceira pauta. Esse acompanhamento previa, novamente, a associação de movimentos corporais para cima e para baixo dependendo da altura da nota. Mas, além da dança, os alunos foram convidados a incorporar na execução instrumental um elemento de técnicas expandidas, representado pelo X (Exemplo 3), que equivalia a percutir com a mão direita no corpo do violino. Na dança, essa percussão era substituída por uma palma.

A versão final da peça foi montada na seguinte sequência:

i. Escala de Lá maior descendente (iniciantes) + Canção (principiantes);
ii. Escala de Lá maior descendente (iniciantes) + posicionamento do violino (principiantes);
iii. Melodia da canção (iniciantes) + acompanhamento da terceira pauta (principiantes).

CONCLUSÃO

O projeto de extensão "Pequenos Grandes Violinistas" proporcionou um contato simultâneo entre pequenos aprendizes de violino e professores em formação, discentes de um curso de licenciatura em música. A partir dessa experiência inicial, os futuros professores tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos na área pedagógica por meio desse contato, que dialogou com a experiência prévia da coordenadora. Aspectos como a linguagem usada, a valorização das relações interpessoais e o recurso às brincadeiras foram explorados durante as aulas, estimulando os professores a se manterem ativos durante todo o processo de aprendizagem dos alunos.

As estratégias adotadas neste primeiro semestre de funcionamento do projeto geraram resultados positivos, comprovados pelo baixo número de desistências, mas também pelo concerto de encerramento de semestre. Nele foram apresentadas as três peças trabalhadas durante as aulas, integrando elementos lúdicos que contribuíram para a sua assimilação. Os alunos do

"Pequenos Grandes Violinistas" puderam assim demonstrar os conhecimentos adquiridos até então, dentre os quais se destacam: nas turmas de principiantes, a postura, a pega do arco, o conhecimento das cordas soltas, o *pizzicato*, e o controle das mudanças de cordas; e na turma de iniciantes, o controle das mudanças de cordas, a variação de elementos relacionados com a utilização do arco e a execução de melodias nas tonalidades de Lá maior e Ré maior.

A reflexão sobre estas práticas de ensino no âmbito da pesquisa tem o potencial de contribuir, por um lado, para o contínuo desenvolvimento das competências pedagógicas dos estudantes de licenciatura em música. Por outro lado, permite a intersecção entre as experiências do instrumentista-estudante e as do instrumentista-professor, o que poderá também favorecer o desenvolvimento pessoal do próprio aluno de graduação enquanto performer.

REFERÊNCIAS

COLLEDGE, K.,& COLLEDGE, H. (1988). *Stepping Stones*. Londres: Boosey&Hawkes.

FREIRE, R. D., MENDONÇA; M. L. V. De, & FREIRE, S. F. (2004). Critérios para elaboração de arranjos para aulas coletivas de violino. In *XIII Encontro Nacional da ABEM, Anais*. p. 1-7.

ILARI, B. (2012). Shinichi Suzuki: a educação do talento. In: MATEIRO, T., & ILARI, B. (Eds.). *Pedagogias em educação musical* (p. 185-218). Curitiba: Intersaberes.

LEANDRO, S. (2014/2019). *Canção do Coelho*. [Partitura].

LEANDRO, S. (2019). *Pequenos Grandes Violinistas:* Condições de participação e regras de funcionamento das aulas. [Regulamento de projeto de extensão].

METRATONE, A. (1997). *23 Chansons pour le Violon*. Paris: COMBRE.

NASCIMENTO, C. de M. A. do, OLIVEIRA, M. L. de, & MARQUES, H. (2016). A Música e as Brincadeiras como Estratégias de Ensino na Educação Infantil. *MIMESIS*, 37(2), 131-142.

SUZUKI, S. (1978). *Suzuki Violin School*. Miami: Summy-Birchard Inc. v. I.

UFSJ, PROExemplo (2019, julho 19). *Educar para preservar - Ano VII*. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/extensao/Educar%20para%20preservar%20%20Ano%20VII(1).pdf>.

YING, L. M. (2012). *Diretrizes para o ensino coletivo de violino*. 208 f. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, Brasil.